

Corretor ortográfico automático: o uso por professores de Português

Denise A. S. Veridiano
Doutoranda do PosLin – UFMG
deniseveri.ufmg@gmail.com

Resumo

Neste artigo debruço-me sobre o material obtido em um curso de formação continuada de professores via WhatsApp com um olhar para as interferências do corretor ortográfico automático nos textos curtos presente nas interações entre participantes no ambiente do curso. Discorro um pouco acerca das possibilidades de ativação, configuração do recurso corretor e das situações de falhas mecanismo, aponto para a concepção de língua de Bagno (s.d). Por meio de exemplos, analiso e discuto algumas ocorrências de interferência do corretor automático. Concluo, portanto, que o contexto do WhatsApp de interação imediata e o teclado em um espaço pequeno de tela favorecem os erros de digitação e a desatenção para os destaques de equívocos apontados pelo corretor automático. No entanto, isso não prejudica a interpretação e compreensão das mensagens.

Palavras-chave: Corretor automático; WhatsApp; formação de professores.

Introdução

O recurso de correção ortográfica automática é comum em *softwares* tanto de computadores quanto de tablets e celulares. Uma ferramenta, no entanto, em que as opiniões sobre ela se divergem. Há usuários desses dispositivos que se irritam com as correções automáticas de palavras, já outros gostam do recurso especialmente em caso de vocábulos com ortografia mais complexa. Há profissionais e estudiosos da linguagem que condenam esse mecanismo, creditando a eles um prejuízo para a aprendizagem correta da escrita.

Neste artigo irei abordar o assunto a partir da análise do material obtido das interações escritas em um curso de formação continuada de

professores no ambiente do aplicativo WhatsApp. O curso fazia parte da metodologia de minha pesquisa de mestrado e ocorreu no segundo semestre de 2017. Um grupo de WhatsApp foi montado com professores de língua portuguesa de diversas localidades do Brasil após inscrição deles no processo que direcionaria a um curso de formação para uso de recursos digitais para fins pedagógicos.

2. O corretor automático

Talvez o corretor mais antigo seja aquele dos processadores de texto (Word, por exemplo), que, além de incoerências ortográficas, aponta também para usos gramaticais equivocados. Como o recurso se baseia em um banco de dados restrito, algumas estruturas textuais são destacadas por ele como errôneo, sem o serem agramaticais. Ademais, como discute Moreira (2008), as sugestões de adequação do texto apontadas pelo programa, muitas vezes são falhas. Por mais extenso o repositório e avançado tecnologicamente o *software* para reconhecimento das nuances textuais, a língua é dinâmica, viva, maleável.

Ainda falando sobre a língua, acho pertinente a definição dada por Bagno (s.d): “uma atividade social, como um trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes toda vez que se põem a interagir verbalmente, seja por meio da fala, seja por meio da escrita.” Sendo assim, a língua se sujeita ao ser humano em questão, isto é, as circunstâncias psicológicas, físicas, sociais da pessoa podem interferir, assim como o ambiente, os interlocutores, o momento histórico-cultural, etc.

Estamos rodeados de corretores automáticos. Eles estão desde os computadores, dispositivos móveis, até embutidos nos aplicativos, como no WhatsApp. E também há opções de aplicativos específicos de corretores que podem ser baixados para os aparelhos, como nos elenca Garcia (s.d) em seu tutorial do Apptuts. Outros tutoriais ensinam ativar ou desativar o mecanismo dos celulares (ROCHA, 2018). E ainda há outros que orientam para a configuração

personalizada do artifício (ALVES, 2018). Mas fato é que a maioria das pessoas faz vista grossa para a presença do corretor automático.

Em um curso de formação continuada de professores de língua portuguesa via WhatsApp deparamo-nos com exemplos da interferência do corretor automático. E são estes casos que passo a analisar.

3. Casos (engraçados) de interferência do corretor automático

O curso de formação aconteceu no final de 2018. O grupo era formado por 38 participantes professores de língua portuguesa oriundos de distintas regiões brasileiras e tipos de escolas (públicas ou privadas), bem como que lecionavam para etapas escolares diversas (fundamental I, II ou médio). O curso durou 8 semanas e foi oferecido de forma gratuita por meio da iniciativa de dois setores de Extensão da Faculdade de Letras da UFMG, o Taba Móvel (integra ações oportunizadoras de letramento digital) Redigir (elabora e disponibiliza atividades para uso em sala de aula envolvendo os multiletramentos). A dinâmica do curso continha postagem de tarefas por parte dos mediadores e interação dos participantes.

Nesse contexto, pude verificar várias situações de erros de digitação, como ilustro no exemplo seguinte:

- *Bom, olhei o material e achei fascinante, de verdade. Bem aproveitada a oportunidade de interação bem como o conteúdo, oportuno, de provável interesse do alunado. De largada, a minha dificuldade está em mapear quais deles possuem ou não equipamento e acesso à internet e como contornar as eventuais dificuldades ou limitações dos que não dispõem destes recursos. Outro fator relevante é a questão da administração do tempo docente, para concepção, elaboração e organização dessas atividades e mediação. Eu, por exemplo, tenho turmas numerosas (9 no município e 6 no estado, 15 turmas) e trabalho em média 12 horas por dia. Como lidar com uma demanda tão grande, este é o meu desafio.*
- **dispõem *município*

Como podemos perceber, pela marca do travessão que indica duas mensagens enviadas em sequência, a pessoa toma nota de dois de seus equívocos e se corrige à maneira usual no aplicativo, repetindo o vocábulo grafado corretamente antecedido pelo asterisco. Além disso, é notável que se trata de erro de digitação devido

à proximidade no teclado das letras trocadas e pela estrutura linguística elaborada do enunciado como um todo. É possível que o corretor não tenha assinalado a palavra com falha ortográfica e por isso tenha passado despercebida antes do envio da mensagem, mas pode ter ocorrido também por causa da celeridade própria da comunicação via WhatsApp.

Observei alguns participantes que não se incomodavam em retificar as incorreções.

- No primeiro dia de aula, quando apresento o Programa de Disciplina, no item metodologias e Recursos Didáticos já falo sobre o COMPUTADOR e CELULAR, dizendo que são bem-vindos e serão utilizados. Contudo, vou até a porta, saio e digo que ANTES DE ENTRAR é preciso ingerir uma boa dose de SEMANCOL. Faço uma encenação dobre o tamanho cavalariço do copo da "benida", tudp de forma divertida, mas dou meu recado. Brinco também, quando pego alguém no celular para outros fins e o elejo como meu ajudante para fins de pesquisa em DICIONÁRIOS eletrônicos e afina. Não dou sossego. Uso várias palavras "empoladas" e ele tem que pesquisar e "dividir" conisco a leitura do significado. Tem funcionado. Bom humor e foco.

Compreendo que, de alguma forma, pessoas com este comportamento no grupo de pares se sentiam tão legitimados a respeito da capacidade intelectual e habilidade linguística próprias e encaravam o erro de digitação comum no contexto do aplicativo, que não sentiam nenhuma necessidade de se explicarem ou reparar o equívoco. Certamente o corretor selecionou as palavras, mas não efetuou correção automática.

Já no exemplo a seguir parece que o corretor automático não reconhece a palavra "meme" e faz uma substituição por outra, gerando uma estrutura semântica esdrúxula. Vejamos:

*- Olá, já fiz uma atividade com alunos do EM, na qual eles criavam mamãs com personagens icônicos da literatura brasileira. Foi muito legal, os alunos se divertiram muito e destacaram características peculiares e humorísticas de tais personagens.
- Gente, desculpe o corretor colocou mamãs kkkkk*

Logo outro participante diz: "Deve ser para fazer referência ao Outubro 🇺🇵 😊 😊 😊 😊". E a pessoa se diverte também: "🤔 🤔 🤔 🤔 Boal!!!!". Noto que o senso de humor da professora em questão a livra de qualquer constrangimento no contexto.

4. Conclusão

Não há dúvida acerca da exposição e domínio dos professores da norma culta padrão da língua portuguesa. A questão é que o ambiente do WhatsApp estabelece contato íntimo entre a língua escrita e a oral, gerando assim conflito entre norma culta e coloquial, além do ritmo acelerado imposto pela dinâmica de interação comum no contexto do aplicativo.

Fato é que, como é notório o domínio da língua portuguesa por esses professores, as ocorrências foram vistas de forma humorada. Inclusive em situações onde o erro não foi retificado, os pares compreenderam normalmente a mensagem e não comentaram nada sobre as palavras truncadas.

Assim, acredito que o modelo de interação imediata e o teclado pequeno na tela, isto é, as letras ficam muito próximas umas às outras, favorecem os erros de digitação e a desatenção para os destaques de equívocos apontados pelo corretor automático. No entanto, a interpretação, compreensão e fluidez das mensagens não foram afetadas nem quando a pessoa retificou seu erro; nem quando os equívocos foram ignorados; tampouco quando o corretor automático trocou vocábulos com significados totalmente distintos.

O objetivo da reflexão acerca do corretor automático, neste texto, não era esgotar a discussão, nem defendê-lo ou refutá-lo, mas, sim, colocar luz sobre um recurso com o qual lidamos rotineiramente em atividades de leitura e escrita utilizando a maioria dos dispositivos digitais a fim de pensarmos sobre críticas que se faz ao uso desses mecanismos de correção por parte alunos ao elaborarem seus textos em editores de textos tradicionais, por exemplo. Mas isso é assunto para outro momento, pois como defende Fiorin (2008) a língua portuguesa não está fadada ao fracasso com o advento da internet, e faço um adendo, o corretor automático não emburrece seus usuários.

Referências

ALVES, Paulo. **Como configurar o corretor ortográfico do celular**. Techtudo, 2018. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2018/09/como-configurar-o-corretor-ortografico-do-celular.ghtml>> Acesso em: out. 2019.

BAGNO, M. **Da prescrição gramatical à educação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, s.d.

FIORIN, José Luiz. A internet vai acabar com a língua portuguesa?. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 2-9, jun. 2008. ISSN 1983-3652. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/10/7299>>. Acesso em: 02 out. 2019.

ROCHA, Caroline. **Aprenda a desativar o corretor automático no celular e não passe mais vergonha**. 2018 Disponível em: <https://olhardigital.com.br/dicas_e_tutoriais/noticia/aprenda-a-desativar-o-corretor-automatico-no-celular-e-nao-passe-mais-vergonha/66695> Acesso em: set. 2019

GARCIA, Rafael. **15 melhores aplicativos para corrigir textos**. Disponível em: <<https://www.apptuts.com.br/tutorial/android/aplicativos-corriger-textos/>> Acesso em: out. 2019

MOREIRA, Stella Almeida. O corretor automático substitui o revisor profissional?. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 13-17, jun. 2011. ISSN 1983-3652. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/8>>. Acesso em: 10 out. 2019.